



BELTRÃO, Milena Ferreira Mariz. Os Mitos da Criação Humana e o Processo de Encenação de A Vida Íntima de Laura: experiência e memória coletiva reveladas. Porto Alegre: UFRGS.

## RESUMO

Este processo se desenvolve a partir da criação, encenação e análise teórica do espetáculo A Vida Íntima de Laura, realizado após a conclusão da disciplina atuação III do Departamento de Arte Dramática da UFRGS em 2008. Após três experimentos cênicos em 2009 e registro teórico em 2010, restaram questões acerca da dramaturgia, cujas soluções remeteram às narrativas orais da criação humana ocasionando a comparação entre as personagens principais da primeira versão do espetáculo às figuras míticas de Eva e Lilith, quando aspectos de uma mitologia pessoal se fundiram aos da memória coletiva presentes na narrativa durante as improvisações cênicas. O olhar mitológico conferiu ao espetáculo uma interpretação mais ampla, que não o aprisiona na metáfora dos personagens anteriores, aprofundando sua temática. Este olhar colocou em questão a representação do ovo enquanto gênese de criação presente na primeira versão do trabalho, constituída pela transcrição teatral de dois textos de Clarice Lispector e revelou pelos experimentos cênicos que a sucederam a verdadeira gênese do espetáculo que abandona o texto de Lispector conquistando maior autonomia em todos os elementos cênicos.

**PALAVRAS -CHAVE:** Encenação: Memória Coletiva: Mitologia: Processo Criativo: Transcrição Teatral.

## ABSTRACT

This creative process has been developed since the creation, playwriting and analysis of the play Laura's Intimal Life, concepted in the conclusion of drama classes at UFRGS in 2008. After three cenical experiments in 2009 and theoretical analysis in 2010, some problems about dramaturgy were not solved in this work. The solutions came with the antique oral narratives about the genesis of the world which result a comparison between the principal characters of the first version of the play with Eva and Lilith, the first women of the world according to christianism. Important facts from a personal mitology were incorporated in coletive memory during the cenical improvisations. Mitology gave to the play a larger comprehension. Overrunned the question about the cosmic egg represented in the first version were two Clarice's Lispector texts were transcreated and revealed through the experiments the true conception that abandons Lispector's text getting autonomy.

**KEYWORDS:** Mitology: Coletive Memory: Creative process : Playwriting .

“Hoje tenho quase um dia inteiro de idade. Cheguei ontem, me parece. E deve ser assim, porque se existiu um dia anterior ao de ontem eu não o vivi, porque do contrário me recordaria.”

Eva, por Mark Twain

Os mitos são criados da mesma tessitura dos sonhos e estão ligados à coletividade como narrativas que preservam a história e a maneira de pensar de uma cultura, transmitindo às gerações seguintes os seus valores, ensinamentos e mistérios, que permanecem ocultos ou que são revelados. Esta tessitura está presente na memória pessoal de um indivíduo bem como na memória coletiva da humanidade. Assim acredita o mitólogo norte-americano Joseph Campbell (1904 – 1987).

A Encenação é um termo das artes cênicas que revela o processo criativo de um espetáculo com início, meio e resultado, sua concepção, cuidados e desenvolvimento. O espetáculo *A Vida Secreta de Laura* constituiu-se a partir de um trabalho de atuação cênica no Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde inicialmente o conto infantil *A Vida Íntima de Laura* de Clarice Lispector (1920 - 1977) estava em questão, se desenvolvendo posteriormente.

Foi solicitado pela professora Ciça Reckziegel a realização de uma cena de dez minutos, onde optei pela estrutura de um monólogo. O monólogo no teatro é considerado o discurso de um lugar muito íntimo do ator para o público. O ator está sozinho no palco e é portador de uma verdade que precisa confessar através de si mesmo e para tanto utiliza-se de todos os recursos de seu corpo e de sua memória, mas ele não se confessa sozinho, o texto é o discurso de que se apropria, é o veículo desta revelação íntima conforme atesta Luiz Arthur Nunes (2000).

Desta forma, buscando referências para criar o trabalho justifiquei também a minha vontade pessoal de falar e de revelar uma crença pessoal guiada intuitivamente pelos textos. Encontrei no conto adulto de Lispector *O Ovo* e *a Galinha* o conteúdo necessário para enriquecer os personagens presentes no conto infantil, assim, o trabalho estendeu-se e alcançou meia hora de duração. Já se desenvolvia portanto, como um pequeno espetáculo sendo apresentado em diferentes espaços cênicos como um experimento que buscava um resultado mais contundente por todo o ano de 2009.

O trabalho se desenvolveu bem durante este ano até que uma questão trazida pelos direitos autorais do texto e sua dramaturgia impôs um muro que parecia intransponível. Ao mesmo tempo comecei a ser visitada por sonhos onde me deparava com uma mulher que precisava carregar em minhas costas pois estava fraca e desprotegida. Eu a encontrava detrás de portas onde estava escondida, nua e sem querer mostrar o rosto. Outros sonhos de mesma natureza continuaram por meses.

Finalmente, chegou até mim *O Livro de Lilith*, um trabalho sobre mitologia escrito pela psicanalista norte-americana Barbara Black Koltuv, que analisa esta figura mítica conhecida pelo universo judaico-cristão como a primeira mulher de Adão, punida por Deus por desobedecer suas ordens e exigir que Adão a tratasse com igualdade durante o ato sexual e não a submetesse como um ser inferior. As origens de Lilith ocultam-se num tempo anterior ao próprio tempo. Ela surgiu do caos. Embora existam muitos mitos acerca de seus primórdios, Lilith aparece nitidamente, em todos eles, como uma força contrária, um fator de equilíbrio, um peso contraposto à bondade e masculinidade de Deus, porém de igual grandeza. (KOLTUV, 1997, p.17)

A análise do mito a partir dos textos revelaram muitas coincidências que esclareceram aspectos da escrita de Clarice bem como aspectos do feminino presentes nas cenas. Desta forma, as características da personagem da galinha de Lispector comparadas com a postura de Eva na narrativa mítica são as mesmas: mãe, caída, passiva mas que contém o útero que permite a vida. As características presentes na narradora televisiva criadas para a encenação são as mesmas de Lilith:

orgulho, isolamento, poder, vontade de vingança, independência e morte. Lilith é conhecida como destruidora de lares e assassina de crianças, nada em suas mãos prospera, é sua vingança pela negação do amor de Adão e sua constante luta com Deus pelo seu lugar no céu como princípio feminino.

Na antiguidade era comum a confecção de amuletos contra ela para afastá-la do lar onde uma mulher estivesse dando a luz. Sua figura mítica é também associada à lua, que depende da luz do sol e que rege a noite e a escuridão. Lilith é como um instinto renegado enviado por Deus para viver nas regiões inferiores, isto é, em convívio com a humanidade.( KOLTUV, 1997, p. 23)

No documentário O Poder do Mito, realizado por Bill Moyers em 1987, Joseph Campbell é entrevistado e relata que na referida narrativa mítica, Adão e Eva se encontram no Jardim do Éden e através do fruto do bem e do mal oferecido pela serpente passam a conhecer os opostos. Eva cai, é considerada culpada por ter aceito a sugestão do animal, e também Adão, bem como toda a humanidade que os sucederá. A serpente é tida desde então como animal amaldiçoado ao contrário do que ocorre em algumas narrativas orientais onde ela é conhecida como símbolo de renovação e transcendência.

Embora Eva ( de Hawwa) signifique Mãe de Tudo o Que Vive, ela foi acusada de ser a origem de todo o mal e a corruptora dos homens, características que transmitia a todas as mulheres mortais, que eram suas descendentes. Curiosamente, à luz de outras manifestações bíblicas da deusa, o pecado de Eva é a sede de conhecimento e a queda um símbolo de sua humanização. Foi o seu acto que introduziu a morte, não como precursora da regeneração, como seria numa religião da deusa, mas como fim terrível da vida, e, como a mesma deusa incorporava toda a natureza, também esta se degradou com a queda de Eva. (HUSAIN, 2001, p. 90- 91)

A partir disto, originou-se uma segunda composição do trabalho que teve como objetivo separar cada cena do espetáculo anterior e modificar os elementos da encenação como figurinos, maquiagem, cenário e sonoplastia, juntamente com o texto que ganhou elementos históricos e fragmentos da mitologia de Lilith, mencionadas por Barbara Koltuv através do Zohar, o livro do esplendor. Assim, o texto ganhou profundidade, dramaticidade e perdeu comicidade ao relatar os aspectos do feminino presentes nas personagens, que se desencontram nos opostos para o reencontro após a epifania presente na simbologia do ovo enquanto gênese da criação. O que acabou sendo revelado foi a presença de uma memória coletiva que tenta explicar a criação do universo através de um discurso feminino, negligenciado pelo patriarcado e que busca a integração de forças com ele.

Seguindo o pensamento de Fayga Ostrower (1920 – 2001), apesar do desconhecimento das forças inconscientes o homem cria, percebe, avalia e organiza sensações dentro de si, porque estas forças são dinâmicas e realizam encadeamentos de dados internos tão complexos que fica difícil localizar exatamente onde e como tudo se processa.

As diversas opções e decisões que surgem no trabalho e que determinam a configuração em vias de ser criada, não se reduzem a operações dirigidas pelo conhecimento consciente. Intuitivos, esses processos se tornam conscientes na medida em que são expressos, isto é, na medida em que lhes damos uma forma. (OSTROWER, 2009, p. 10)

O artista, através de sua memória interna e sua sensibilidade, vale-se do que apreende do mundo externo e juntamente com o que guarda em si mesmo, possibilita a ponte para esta ligação através de sua consciência, esta ponte é o enlace entre razão e intuição que gostaria de enfatizar para justificar este trabalho.

Como aquilo que eu digo para os alunos sempre :“Há algo em você que sabe mais do que você, e quando tu confias nesse algo, expõe tudo mais claro.Tudo aquilo que tu vês o ator pensando e decidindo, aí é frágil e não é crível, não verdadeiro. É esse aprendizado assim: “ para não deixar dúvidas que tu tens um enorme prazer de se lançar no abismo, e que lá tem alguma coisa”.( RAYMUNDO, 2006, p. 82)

O artista atua no tempo de *Kairós*, aquele que é interno, atemporal e eterno e que perpassa o tempo de *Chronos* como uma bruma, intocável porém presente com toda a sua força, é o tempo da existência. O teatro é efêmero, modifica-se a cada instante e alimenta-se do tempo de *Kairós*, que está fora dos padrões culturais e biológicos do tempo social e cotidiano regido por *Chronos*. A memória perpassa estes dois tempos preservando de forma retentiva ou como recordação, no entender de Nicola Abagnano(2000), os efeitos trazidos ao comportamento humano pela introjeção dos valores morais presentes no ato de transmitir. A história de Adão e Eva está tão incorporada culturalmente e é tão mencionada que dificilmente se apagará.

A preocupação de Campbell sobre narrativas como estas é que se faça menção a elas prendendo-se às metáforas. Assim, com este olhar Lilith deve ser vista como a representação de uma força humana e não como uma mulher alada que invade as casas dos homens para seduzi-los e levar os lares à destruição. Eva não deve ser entendida como a única e primeira mãe da humanidade mas como a representação de um modelo de conduta que se pretende defender por um discurso patriarcal. Lilith e Eva por este olhar são forças psíquicas que precisam se integrar como partes harmônicas assim como o momento em que na mitologia grega, a deusa Hera veste o cinturão de Afrodite e pela única vez não reivindica o poder com Zeus vivenciando com ele a verdadeira simbologia do casamento ao integrar suas forças às da deusa do amor presentes no objeto.

A arte para Campbell é o território onde estas metáforas podem ser movidas, reveladas, recriadas e analisadas de maneira a dialetizar crenças postas como verdades únicas na cultura ocidental através da religião. Este trabalho, a medida que ganha seu tempo evolui cada vez mais e busca uma compreensão cada vez maior do discurso que está sendo analisado.

## REFERÊNCIAS

- ABAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- COLEÇÃO **O Poder do Mito**. Manaus: LOG ON Editora Multimídia. 1988. 4 CD- ROM.
- HUSAIN, Shahrukh. **Divindades Femininas**. Köln: TASCHEM, 2001.
- KOLTUV, Barbara Black. **O Livro de Lilith**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- \_\_\_\_\_. **A Tecelã**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- NUNES, Luiz Arthur. Do Livro para o Palco: formas de interação entre o épico literário e o teatral. **O Percevejo. Revista de teatro, crítica e estética**. Rio de Janeiro, Ano 8. N. 9. p. 39-51. 2000.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- RAYMUNDO, Maria Lúcia. Entrevista com Maria Lúcia Raymundo. **Revista Cena**. Porto Alegre, ano 5. N. 5. p. 82. 2006. Entrevista concedida a Alexandra Zucolotto.